

RESENHA

OLIVEIRA, Ricardo Costa de; GOULART, Mônica Helena Harrich Silva. (Org.). **Família, Política e Etnicidade**. São Paulo, SP: LiberArs, 2020, 399 p.

Priscilla Cidral da Costa¹

A Sociologia, enquanto conhecimento científico, nos direciona a perceber que esta ciência nomeou os fenômenos sociais como propósito de seu interesse e, a partir desta premissa epistemológica, orienta a apreensão do mundo social. A sociedade apresenta suas instituições e seus significados, suas relações de poder e de classe como ingredientes que formam uma teia de relações, constituindo um movimento entre os agentes sociais. Deste modo, o mundo social apresenta conflitos e rivalidades de interesses decorrentes dos grupos sociais que o compõe.

Segundo o filósofo francês Michel Foucault, “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes (...)” (FOUCAULT, 2014, p.8), o que nos leva a vislumbrar como ocorre a construção destas reflexões. E, nesta perspectiva, cabe à Sociologia o exercício empírico, que pode ser utilizado como instrumento de reflexões. O desafio de utilizar o discurso como proposta à desnaturalização destas construções e estruturas sociais e políticas pré-estabelecidas.

Quando navegamos em águas tão inquietas, apreendemos que as estruturas de poder e dominação, estruturantes e estruturadas na sociedade brasileira, vêm sendo perpetradas com raízes profundas, desde sua gênese e através de gerações de famílias tradicionais e antigas, fincadas na escravidão, na desigualdade e no espólio social, econômico e cultural do seu povo.

Em seu livro, **Na Teia do Nepotismo**, Ricardo Costa de Oliveira, defende a tese de que “(...) família ainda importa. As estruturas de parentesco formam a realidade social e política brasileira no século XXI” (OLIVEIRA, 2012, p.13). Ou seja, as famílias tradicionais controlam, através de gerações, uma rede de influências e poder formandos de maneira complexa e desigual numa sociedade pungente.

É salutar perguntar: O que significa o conceito de família nos estudos relativos ao mundo social? Como definir um conceito tão flexível, que possui “implicações jurídicas, sociológicas, políticas, filosóficas e antropológicas”? (OLIVEIRA, 2018, p.28). Para auxiliar o leitor em suas considerações, observaremos a definição sobre a família como “(...) qualquer forma de reunião social em que exista um conjunto de relações pessoais, de relações sociais,

¹ Professora de Sociologia na SEED PR. Contato: priscilla.costa@escola.pr.gov.br

de afeto, de afinidade e de relacionamentos, sejam eles quais forem dentro de um pacto social que se estabeleça nessa própria unidade familiar” (OLIVEIRA, 2018, p.28).

O que nos leva a considerar que, através da dominação cultural e simbólica, as elites subjagam uma grande parcela da sociedade a que pertencem, pois negam a elas se valerem de seus direitos, interesses e do seu lugar de fala. As estruturas sociais e genealógicas estabelecidas explicam este eterno processo de luta de classes.

Segundo Pierre Bourdieu, “(...) a luta de classes pode, dessa forma, ser ‘lida’ através do estilo de vida das diferentes classes ou grupos sociais. O que nos direciona a perceber a sutileza da relação entre classe e habitus. Pois, habitus é o “(...) princípio da estruturação das experiências escolares, o habitus transformado pela escola, ele mesmo diversificado, estando por sua vez no princípio da estruturação de todas as experiências ulteriores.” (BOURDIEU, 2003, p.17-18). Relacionar estas estruturas sociais com estruturas genealógicas² de uma classe dominante³ (OLIVEIRA, 2012, p.51) se torna interessante para o entendimento estrutural da sociedade e das relações de poder.

A editora LiberArs, lança no mercado editorial uma obra na qual estes assuntos, família e política, são debatidos e possuem grande interesse para Ciências Sociais. Um presente ao grande público, por ser emblemática e única, a obra rompe com os paradigmas do hibridismo da colonização e mostra a importância e o peso social das famílias tradicionais e suas relações de poder. Para o deleite de pesquisadores e leitores ávidos pela história e formação política e social da América Latina, este lançamento despertará a curiosidade dos leitores mais exigentes.

A organização do livro **Família, Política e Etnicidade** foi realizada por pesquisadores do NEP (Núcleo de Estudos Paranaenses), através dos professores Ricardo Costa de Oliveira e Mônica Helena Harrich Silva Goulart, em parceria de diletos colaboradores. Com cerca de 400 páginas e oito seções, suas linhas guiarão os leitores a uma teia de mistérios e segredos, superação e tradição. Um livro que marcará uma época para os estudos sociológicos pela relevância dos assuntos abordados.

Dentre as narrativas desenvolvidas, o leitor perceberá a diversidade das exposições, que são dedicadas a reconstrução do ethos político e social brasileiro. A riqueza deste material é indiscutível, com investigações primorosas, repletas de dados e informações que elucidarão o leitor em sua busca na compreensão do mundo social.

Família, Política e Etnicidade inicia com o texto “Genealogia e Prosopografia⁴ do Livramento. Os dois Joaquins. Uma sociologia autobiográfica das origens de Machado de Assis”, de Ricardo Costa de Oliveira, compondo o primeiro campo de discussões intitulado

² Como método de pesquisa para os estudos do poder familiar, formas de parentesco e suas relações, a genealogia é apreendida como “ciência da história das famílias (...), fornece uma metodologia de pesquisa, (...), revelando estruturas de parentesco e as relações (...) entre diferentes indivíduos e famílias ao longo do tempo.” (OLIVEIRA, 2012, p. 51).

³ A classe dominante, portanto, deve ser investigada através de biografias individuais e coletivas utilizando o método prosopográfico e genealógico para se obter uma análise precisa de suas redes sociais, políticas e de suas relações de favorecimento familiar.

⁴ “A Prosopografia é uma metodologia e uma técnica de pesquisa na forma de uma biografia coletiva. Trata-se da análise e investigação dos traços e relações comuns a um grupo social em determinada época.” (Stone, Lawrence, 2011 apud OLIVEIRA, GOULART, 2020, p.31).

“Instinto de Nacionalidade”. O professor Ricardo de Oliveira, através de suas pesquisas genealógicas, constrói os aspectos mais íntimos da história e da formação social e familiar brasileira através da análise de dois agentes sociais em específico.

Joaquim Maria Machado de Assis transpira o conflito social que o Brasil estava vivendo no final do século XIX e início do século XX. Ele “(...) escreveu metaforicamente, como era do estilo do autor, um profundo, rico e revelador texto social” (OLIVEIRA, GOULART, 2020, p.13), com claras referências autobiográficas. O pensamento machadiano auxilia na busca do entendimento das mudanças mais significativas na paisagem social brasileira.

Uma profunda e minuciosa análise genealógica de Machado de Assis e Joaquim Sigmaringa da Costa, através do cenário do cotidiano dos habitantes do “Livramento, denominado de Morro, Chácara”, ou “A Quinta do Livramento”, que toma corpo em uma típica estrutura social brasileira (OLIVEIRA, GOULART, 2020, p.17).

A “Quinta do Livramento” é palco da infância de Machado de Assis, marcada por profundas relações patriarcais e senhoriais, uma comunidade com relações escravistas, com suas castas e divisões sociais. Nesta comunidade, as camadas sociais eram muito bem delineadas, seus senhores, a família principal, parentes e amigos, agregados, trabalhadores, criados e, na base, os escravizados. (OLIVEIRA, GOULART, 2020, p.17).

Havia também a Capela como instituição religiosa, que marcou profundamente gerações com seus ritos e normas os habitantes desta localidade. Também foi palco de dois encontros, mesmo que separados pelo tempo, no dia de seu batismo. Joaquim Machado de Assis foi batizado em 1839 e, o outro Joaquim, Joaquim Sigmaringa da Costa, em 1843, tendo o Padre Narcizo José Marques a ministrar o batizado “dos meninos agregados do Livramento”, na Capela de Nossa Senhora do Livramento, símbolo da tradição e nobreza.

A família de Machado de Assis possuía capital social e intelectual diferenciado, algo considerado uma exceção para os padrões do século XIX. Machado de Assis será marcado pela vivência no Morro, sua biblioteca com seus livros influenciara sua visão de mundo, sua educação e sua escrita. Através das posições sociais da Quinta do Livramento, no Rio de Janeiro, com os seus núcleos familiares, os núcleos de agregados e dos escravizados marcam a narrativas machadianas com uma elegância e sutileza ao recontar os “comportamentos ocultos e revelados no passado senhorial e violento, seja pela persuasão, amor, afeto, ou por formas de domínio brutais”. (OLIVEIRA, GOULART, 2020, p.22).

Em “Casa Velha”, revela-se o desenvolvimento de uma possível narrativa dos primeiros anos de Machado de Assis, uma autobiografia na qual Ricardo de Oliveira recorre para descrever a extensão simbólica da obra deste grande literato, como também para coletar informações sobre as famílias tradicionais. Os sobrenomes mais relevantes e importantes da cidade carioca do final do século XIX e inícios do século XX estão presentes.

O texto, portanto, traceja uma narrativa etnográfica dos seus moradores onde senhores, agregados⁵ e escravizados, flutuavam nas diversas redes políticas e sociais, bem como nos capitais culturais, políticos e na inserção social.

O brilhantismo está no fato do autor conectar com profundidade a autobiografia deste renomado escritor brasileiro ao seu tempo e ao seu núcleo familiar, cuja “(...) origem mestiça e modesta, de cor escura, com doenças e compleição física peculiares, não o impediram de galgar posições sociais e intelectuais” (OLIVEIRA, GOULART, 2020, p.16). As discussões das desigualdades e superações dos desafios e rompimentos sociais vividos pelos habitantes da “Quinta do Livramento”, bem como seus sonhos e segredos, são conectadas de forma sutil e discreta aos valores, à educação e ao habitus de classe existentes em uma época onde o silêncio “dizia mais que mil palavras”.

Podemos perceber claramente quando o autor relaciona o modo de vida carioca, no “bairro do Valongo, [onde] estima-se que tenham passado mais de um milhão de africanos capturados para servirem à escravidão” (OLIVEIRA, GOULART, 2020, p.21), a todo tipo de escravidão. “Havia uma relação especial na produção de crianças pardas, filhos e filhas de escravizados e moradoras na comunidade”. (OLIVEIRA, GOULART, 2020, p.22). Joaquim Maria Machado de Assis, Joaquim Sigmaringa da Costa e Tomásia foram pontes sociais entre dois mundos diferenciados. Viveram a realidade de uma Brasil desigual, um mundo social das escravizadas e dos senhores (...).” (OLIVEIRA, GOULART, 2020, p.57), típica característica das estruturas de poder das classes dominantes.

Joaquim Sigmaringa da Costa, da chácara do Livramento, casa-se com uma jovem que desafiou a ordem patriarcal, unindo-se a um homem de outra classe social. Vizinha do Livramento, Henriqueta Carneiro Barroso e Azevedo pertencia a uma família aristocrática e influente na política do Império. Uma história da formação política e social do Brasil, com suas conexões familiares e prestígio social que influenciaram uma época e suas gerações. Uma análise pontual e objetiva das genealogias que construíram um país e influenciaram os rumos da história e, principalmente, de gerações futuras.

No segmento das discussões, a seção “Afro Brasileiros” conta com as narrativas de Mônica Helena Harrich Silva Goulart e Maylon Calisto Buba. “Dr. Octávio Alencar de Lima: de primeiro engenheiro negro da Universidade do Paraná a primeiro prefeito eleito no Brasil” e “Dr. Preto na política: apontamentos iniciais sobre a atuação de Justiniano Clímaco da Silva na Assembleia Legislativa do Paraná (1947-1951)”, relatos inéditos e interessantes sobre indivíduos que romperam com as estruturas de classe de sua época. Longe das ideologias da meritocracia, as histórias destes homens são audaciosas, revelando todo o seu potencial e a forma de como se fizeram pertencer e ser reconhecidos por uma sociedade excludente, embranquecida e tradicional.

⁵ “Nos romances de Machado de Assis aparece com frequência a figura do agregado. Agregado era o indivíduo livre e pobre que necessitava viver às sombras de um senhor para a manutenção de sua existência. (...). Sem ter como se sustentar e vivendo em que o domínio dos senhores sobrepujavam a impessoalidade das leis, o vínculo criado com estes senhores era, a única forma (...) para garantir a sobrevivência. (...). As ambiguidades da vida agregada possibilitam uma multiplicidade de ações e acomodações que são bastante exploradas por Machado de Assis em seus romances.” (ASSIS, 2007, p.5).

Nas premissas epistemológicas, que norteiam o trabalho de Bourdieu, há uma análise na qual é possível observar como diferentes camadas sociais chegam a construir o seu capital social, político e intelectual dentro de um espaço ou campo concretizado nas relações de poder⁶. E, no interior deste campo, é que se percebe as práticas discursivas e a sua relação com o poder em que toda a sociedade, organizada, controlada e distribuída por inúmeros procedimentos que, por fim, são excludentes. O discurso “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder de que queremos nos apoderar” (FOUCAULT, 2014).

Estes discursos são observados claramente em “Dr. Octávio Alencar de Lima: de primeiro engenheiro negro da Universidade do Paraná a primeiro prefeito eleito no Brasil”, quando Mônica Helena Harrich Silva Goulart pontua sobre “os que discursam no presente evocam vozes do passado!” Pois, ao escrever sobre um homem negro e pobre, que soube galgar as adversidades da vida e adentrar no campo político e intelectual, reservados para os não-brancos, resgata uma história até então perdida e esquecida na memória dos paranaenses, rompendo com o silêncio construído nas estruturas de poder.

O engenheiro, o político, o professor Dr. Octávio Alencar de Lima, curitibano, primeiro negro formado na Universidade do Paraná em 1918, eleito para a prefeitura de Thomazina⁷, em 1924, traduz com perfeição este rompimento construído pelas elites tradicionais paranaenses. “O fato de ser o primeiro engenheiro negro formado na Universidade do Paraná em 1918 já o colocaria num plano de relevância.” (OLIVEIRA, GOULART, 2020, p.74). Para pesquisadores, uma fonte de referências no que tange aos campos⁸ acadêmico⁹ e político. Dr. Octávio teve uma trajetória de sucesso como engenheiro e político com reconhecimento de seus pares, preocupado com o bem-estar dos habitantes de Thomazina, onde organizou práticas de esportes e criou a Escola Paranaense de Box, em 1947, no governo de Moysés Lupion¹⁰, além de outros feitos, que serão encontrados ao longo da leitura.

Dr. Octávio Alencar de Lima, certamente, possui uma história de superação, coragem, confiança e dedicação. Uma leitura fascinante, onde a bravura ganha vida nas palavras escritas com profundo respeito a tantos heróis desconhecidos marcados por um Brasil adverso a todos que não pertencem às classes dominantes. Importante ressaltar que a

⁶ “A definição da ciência que se conforma melhor a seus interesses específicos, isto é, a que lhes convém melhor e lhes permite ocupar, em toda legitimidade a posição dominante.” (BOURDIEU, 2003, p. 122)

⁷ Foi mantido a grafia de acordo com o livro “Família, Política e Etnicidade”.

⁸ “O campo se particulariza, pois, como espaço onde se manifestam relações de poder, o que implica afirmar que ele se estrutura a partir da distribuição desigual de um quantum social que determina a posição que um agente específico ocupa em seu meio.” (BOURDIEU, 2003, p.21)

⁹ “O campo acadêmico é um espaço de concorrência estruturada, determinado por relações de poder e de disputas marcadas por muitos desafios. (...)”. (OLIVEIRA, GOULART, 2020, p.74)

¹⁰ Moysés Lupion nasceu em Jaguariaíva, Estado do Paraná, a 25 de março de 1908, filho de João Lupion de Troya e Carolina Döepfer Wille Lupion de Troya. Estudou em sua cidade natal, em Castro, Curitiba, Rio de Janeiro e São Paulo. Nesta última, formou-se em contabilidade pela Escola Álvares Penteado. Retornou ao Paraná e se fixou em Pirai do Sul, onde iniciou suas atividades no comércio, indústria e agricultura. (...) Após uma tranquila campanha eleitoral, Lupion foi eleito com 91.059 votos contra 45.941 de Munhoz da Rocha. Ao chegar ao governo, Moysés Lupion já comandava enorme império econômico.” (CARNEIRO; VARGAS, sem paginação)

história do Paraná também foi e é construída por pessoas que não fazem parte das famílias tradicionais!

Compondo esta seção, podemos conhecer o Dr. Justiniano Clímaco da Silva ou “Dr. Preto”, como era chamado. Formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia e passou a residir, depois de formado, na cidade de Londrina, no estado do Paraná. Seus avós foram africanos escravizados, e o neto graduou-se em Ciências e Letras antes de cursar a Faculdade de Medicina da Bahia, era homem culto e um excelente orador.

O autor, Maylon Calisto Buba, observa através do agente político, que fez sua carreira no Paraná, dois momentos importantes na sua formação e atuação política: ser o primeiro negro a exercer o mandato de deputado estadual na Assembleia Legislativa do Paraná (ALEP), entre 1947 e 1950; e aproximar-se durante todo o seu mandato, de nomes expressivos e tradicionais do cenário político paranaense, sobretudo do Partido Social Democrático (PSD), onde integrou a comitiva na caravana do Interventor Manoel Ribas até Arapongas. Elogiado pelo governador Moisés Lupion em 1949, o Dr. Preto teve os cumprimentos publicados no jornal *O Dia*. Estas são algumas das ações políticas de Justiniano, e que marcaram a sua carreira e são analisadas por Maylon Calisto Buba.

As considerações acerca do tema etnicidade, família e política, também estão sistematizadas através da participação das etnias árabes (sírio-libanesas), italianas portuguesas, polonesas e ucranianas. Artigos interessantes acerca da reconstrução da história de Curitiba e do Paraná, sob os olhares da modernização, da reorganização urbana, econômica e política.

Sob esta concepção temos a seção “Árabes-Sírio Libaneses”, onde os pesquisadores Márcio de Oliveira e Fábio Kizahy Zarak Bacarat, em “Descendentes de Sírio-Libaneses na Política Paranaense, 1947-2018”, abordam forma como os descendentes de sírio-libaneses conquistaram capitais políticos, econômicos e sociais, através da presença de suas famílias que se tornaram influentes, apesar de sua origem imigratória.

Os primeiros contatos foram com o patrono Dom Pedro II em uma das suas viagens às chamadas “terras do Oriente”. Tem-se relatos que a imigração ocorreu a partir de 1871. Chegando ao Brasil e empreenderam, em sua maioria, a atividade de mascates, com o objetivo de formar o capital necessário para tornarem-se comerciantes bem-sucedidos e ou atacadistas, bem como acolher patrícios e, principalmente, trazer à nova terra os seus familiares.

Segundos os autores, a análise deste tema torna-se relevante porque “(...)a eleição para cargos políticos, entre descendente de sírios ou de libaneses no Paraná¹¹, revela uma específica estratégia de inserção social e de mobilidade econômica, (...)” (OLIVEIRA, GOULART, 2020, p.131) na qual a atividade comercial foi fundamental para apoiar o estabelecimento destes imigrantes no país, além da criação de espaços de sociabilidade e cultura. Devido a adaptabilidade da colônia no meio urbano, uma rede de conterrâneos fora formada para auxiliar na acolhida dos recém-chegados e de suas famílias no Brasil. A acolhia dos seus ocorria desde a chegada até o seu estabelecimento. Deste modo, foi possível alcançar sucesso e prestígio social tão almejado pelas famílias sírio-libanesas.

¹¹ O texto faz referência na página 130 aos governadores paranaenses José Richa e Beto Richa, e também ao deputado estadual e líder político, Anibal Khury.

No Paraná, houve uma expressiva participação dos imigrantes e de seus descendentes no comércio local das cidades do interior e também da capital paranaense. “Trabalhando inicialmente como vendedores ambulantes, (...), à medida que conseguiam fazer seu ‘pé-de-meia’, estabeleceram-se com lojas de tecidos e armarinhos (...).” (Boschilla, 1996, p.20 apud OLIVEIRA, GOULART, 2020, p.138).

Os primeiros políticos iniciam a vida pública em 1950, onde desenvolveram um mecanismo de sucesso na inserção profissional e social, o que propiciou uma rápida ascensão econômica e política. A narrativa está envolta a uma diversidade de relatos de descendentes de sírios e libaneses que adentraram na política paranaense. Nomes conhecidos como João Chede, Aníbal Khury, João Mansur e José Richa, entre outros importantes sobrenomes, fazem parte deste quadro prosopográfico. Segundo Oliveira E Bacarat (OLIVEIRA, GOULART, 2020, p. 155), “A relação entre imigrantes e seus descendentes e elites políticas estabelecidas parece configurar as últimas, com sensível alargamento de seu escopo”. No transcorrer da leitura, o modo como se deu as primeiras imigrações, suas trajetórias políticas, seus descendentes e o seu desempenho no estado do Paraná, são elucidadas.

Nesta mesma seção, a pesquisadora e professora Mônica Helena Harrich Silva Goulart relata a trajetória do político Sagy Naked, em “Sagy Naked, uma trajetória anunciada: a violência política em Prudentópolis de 1930”, reconstituindo sua trajetória política e social na cidade paranaense de Prudentópolis, onde foi assassinato aos 35 anos de idade. A trama se desenvolve no contexto da República Velha, período em que as oligarquias impunham sua vontade aos habitantes desta região, marcada pelo analfabetismo, ilegalidades, pobreza e acordos que beneficiavam os amigos, mas destruíam seus inimigos.

A sagacidade deste texto está em traçar a trajetória de vida deste homem em meio a história política paranaense, enlaçando aspectos governamentais de 1930 como fraudes, violência e coerções, ao reconstituir fatos políticos e sociais antes e depois do seu assassinato. As eleições de 1930 ocorreram sob vestígios de ilegalidades e manipulações do voto popular, fatos que Sagy Naked denunciou de forma contundente.

Os acontecimentos que ocorreram em Prudentópolis deixaram marcas que serviram para aflorar os arranjos estabelecidos pelos detentores do poder, principalmente expressados abertamente nos vínculos entre os setores públicos e privados.

O desejo de mudanças, a vontade de servir ao povo com justiça levou a morte um homem que não se deixou calar e levantou uma esposa combativa que, apesar do sofrimento, não se dobrou frente a impunidade do assassinato violento do seu esposo. A reconstrução de um período da história política e das elites da cidade de Prudentópolis, sem dúvida uma história surpreendente de um homem e uma mulher que entraram para a história da resistência e do combate pela verdade e, sobretudo, pelo desejo de mudanças.

A autora cita, na página 161, Victor Nunes Leal, o qual retrata muito bem o coração deste texto: “A corrupção eleitoral tem sido um dos mais notórios e enraizados flagelos do regime representativo no Brasil”, que ao silenciar um homem o tornou a voz que não se deixa calar diante do poder dos poderosos.

Em “Italianos”, as análises partem dos relatos sobre a imigração italiana e o seu habitus familiar. Com leveza, podemos explorar o perfil genealógico e político de Eduardo

Matarazzo Suplicy através do texto de Daiane Carnelos Resende. A autora reflete sobre “O ativista da paz e da justiça social: A trajetória de Eduardo Matarazzo Suplicy”, e demonstra que através da *práxis* política deste homem, seu carisma e carreira retilínea, possui um capital político considerável, principalmente por parte do eleitorado jovem, ainda que pertença a uma família tradicional e de grande influência.

Não obstante, as características familiares, culturais e econômicas da família Suplicy são consideradas em suas colocações. Observações são feitas a respeito de Eduardo Matarazzo Suplicy e seus traços biográficos, sua trajetória no Senado Federal, bem como os projetos que obtiveram destaque enquanto deputado federal. A sua participação junto aos movimentos sociais o diferenciou da maioria dos seus pares, sendo uma característica que compõe a sua vida pública. Para a pesquisadora, “o que faz de Suplicy um político heterodoxo e extraordinário no cenário da política brasileira.” (...), não possui um eleitorado fiel e sim admiradores-fãs leais”. (OLIVEIRA, GOULART, 2020, p.281), a trajetória de Suplicy é digna de estar representada neste livro.

Paulista da capital, Eduardo Suplicy nasceu em 21 de junho de 1941. Possui uma genealogia muito interessante e única revelada com detalhes impressionantes em maio ao “Arcabouço teórico para os estudos de trajetória” e os “Traços biográficos de Eduardo Matarazzo Suplicy”.

As características importantes da “Família Suplicy” e a trajetória política de Eduardo no Senado Federal, seus “Principais projetos, CPIs e a sua conexão com os movimentos sociais”, são abordadas neste artigo. Daiane observa conceitos importantes do corpo teórico de Pierre Bourdieu como *habitus* e campos em “O político insólito”, onde compreende a ação do agente no mundo social.

Não poderíamos deixar de comentar, como parte integrante deste livro, a influência portuguesa na construção da nação brasileira. Luciana Podlaesk traz para à mesa de debates “José Loureiro de Ascenção Fernandes: das origens na imigração portuguesa à integração na elite curitibana”, para compor um retrato do “final do século XIX e o início do século XX (...) um período de muitas transformações para o estado do Paraná”. (OLIVEIRA, GOULART, 2020, p.287).

As origens e trajetórias de José Loureiro Fernandes são comentadas através do percurso intelectual e político, dos vínculos familiares que revelam uma história de grande prosperidade em diversas áreas como cultural, científica, educacional e, especialmente, econômica, aspecto que o torna um ator social de relevância para uma análise da inserção dos imigrantes às classes dominantes do estado que estava se modernizando.

Sua aproximação com o Barão do Serro Azul possibilitou a obtenção de capital social considerável, que se transformou rapidamente em capital econômico e político. Um estudo de caso muito interessante e esclarecedor ao revelar alianças, casamentos, oportunidades oferecidas a José Loureiro de Ascenção Fernandes e a sua família.

A imigração polonesa é representada por Rafaela Mascarenhas Rocha, em seu artigo “Poloneses”, onde destaca a imigração no século XIX e a próspera ascensão dos seus descendentes que ocuparam postos importantes na política paranaense, com mandatos na Assembleia Legislativa do Paraná, bem como em prefeituras e na Câmara de Curitiba.

Através do método posopográficos, Rafaela Mascarenhas observa “os vereadores de Curitiba com origem polonesa” a partir de 1947 até 2020 observando, analisando e relacionando dados com os conceitos de campo e habitus sociais, formulados pelo sociólogo Pierre Bourdieu..

São apresentados aspectos interessantes das trajetórias individuais, decorrentes da luta pela desnaturalização da relação da etnia polonesa com atividades laborais vinculadas à agricultura e religiosidade, geralmente católicos fieis. A autora, que atualmente é doutoranda pela UFPR, busca refletir a permanência dos descendentes poloneses no campo social, cultural e político, pois aponta que estes não tiveram suas origens nas classes sociais das elites locais. O texto demonstra que estes imigrantes e seus descendentes obtiveram sucesso e representatividade nos espaços políticos do estado do Paraná.

Em “A chegada dos imigrantes poloneses à região de Curitiba”, retrata com análise precisa a “Imigração polonesa para além da capital”, revelando aspectos do campo político da imigração polonesa na região leste paranaense.

No segmento “Ucranianos”, os autores apresentam dados empíricos a respeito da integração social e política e o estabelecimento de uma imprensa ucraniana na construção de uma identidade étnica, questões reveladas com maestria.

Os aspectos culturais e históricos da imigração no Paraná e suas contribuições culturais e políticas sinalizam o processo de integração da imigração ucraniana enquanto agentes participantes da construção do estado. Nomes como Pedro Firman Neto, Rafael Kulisky, Vera Witchmichen Agibert entre outros, demonstram a participação política de forma expressiva, principalmente a partir de 1947, e com dados levantados que chegam a 2018. Sem hesitação, o leitor encontrara informações preciosas que demonstram que as pesquisas realizadas continuam em aberto, com possibilidades de atores políticos serem acrescentados, para o enriquecimento do debate.

Para compor a discussão, a parte “Breve histórico da imigração ucraniana para o Paraná e seus aspectos culturais”, presente no capítulo “Deputados Estaduais e Federais do Paraná descendentes de ucranianos”, escrito pelo professor e pesquisador Alessandro Cavassin Alves, torna-se fundamental para o entendimento do processo inicial de imigração da respectiva etnia, além de compor uma leitura instigante.

A professora Maria Julieta Weber Cordova e o pesquisador Henrique Schlumberger Vitichmichen, nesta mesma seção, através do capítulo “Imprensa ucraniana e capital simbólico do Paraná”, destacam a construção de uma identidade cultural ucraniana, através da imprensa que foi impulsionada por missionários da respectiva etnia e que chegaram no estado a partir de 1896.

A vinda de padres e missionários ucranianos ao Brasil foi fundamental para as colônias assentadas em terras brasileiras, pois ao chegarem, estes ficaram responsáveis por elas, bem como pelo processo de educação e religiosidade. Posteriormente, estes padres, vindos da Rússia, Ucrânia e Polônia, fundaram o primeiro jornal ucraniano chamado Zoriá, em 1907, com atividades até 1910, quando encerrou suas publicações. Esta imprensa tinha como objetivo “(...)a manutenção e preservação dos costumes ucranianos, e também de um certo sentimento ufanista em relação a sua terra natal.” (OLIVEIRA, GOULART, 2020, p.366). Os autores destacam também que outros jornais foram fundados a partir do

fechamento do Zoriá. O corpo teórico discutido propicia elementos para que haja o entendimento do campo simbólico produzido por estes meios de comunicação, bem como a manutenção dos valores e normas religiosas.

Por fim, o capítulo “Várias etnias na ALEP”, escrito por Natália Cristina Granato e Eduardo Soncini Miranda, fecha as seções que se propuseram discutir e apresentar elementos significativos para o entendimento da construção das relações de poder no Paraná. O texto apresenta “Uma breve trajetória da imigração no Paraná”, observando a transição de uma sociedade escravocrata para uma sociedade organizada sob o trabalho livre e a inserção deste através das imigrações.

Em seguida, trata sobre a política implantada durante a República no Paraná e seus referidos atores. Nesta parte, temos a composição de biografias em “O voto e as possibilidades de participação política na Primeira República.” Os autores também analisam os descendentes de imigrantes que atuaram na Assembleia Legislativa do Paraná, no Senado e na Câmara dos Deputados, finalizando a apresentação com os dados biográficos dos deputados federais.

Assim, “Várias etnias na Alep” investiga a política do estado do Paraná e sua forte relação com os imigrantes no período republicano. A leitura navega para o entendimento da mobilidade social e as relações de poder construídas com as elites.

Os relatos contidos neste conjunto de pesquisas, organizadas na obra **Família, Política e Etnicidade**, não cabem nas poucas linhas da presente resenha. A obra traz com preciosidade as investigações de cunho político e social desenvolvidas pelos pesquisadores e pesquisadoras do Núcleo de Estudos Paranaenses (NEP). Uma leitura envolvente destinada a estudantes, professores, pesquisadores e, principalmente, a toda gente que interessa saber sobre os arranjos do poder no estado do Paraná e no Brasil.

Para o mundo acadêmico, este livro presenteia com riquíssimos dados empíricos assuntos profundos que remontam à gênese da formação do povo brasileiro. Para os leitores que se interessam pela história política e social brasileira, é vital e encantador.

Muitos podem concluir que **Família, Política e Etnicidade** é mais uma pesquisa desenvolvida, mais um livro, certamente não é o caso. Um livro relevância, pois tem como objeto de estudo: os fundamentos sociais e políticos que caracterizam o Brasil.

Uma leitura que instiga o leitor para que ele inicie os seus projetos de pesquisa crítica sobre as relações de poder e estruturas familiares.

Parafraseando Marx: Leiamos todos **Família, Política e Etnicidade**.

Referências bibliográficas

ASSIS, Flávia Gieseler de. **Visões do agregado em Machado de Assis**. 2007, 110 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de Brasília, Departamento de Sociologia. Brasília, DF, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato. (Org). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

CARNEIRO, David; VARGAS, Túlio. **História biográfica da república no Paraná**. Biblioteca digital. Disponível em: <<http://www.casacivil.pr.gov.br/Pagina/Moyses-Lupion>> Acesso em: 28 set. 2020.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 24ed. São Paulo, Edições Loyola, 2014.

OLIVEIRA. Ricardo Costa. **Na Teia do Nepotismo: Sociologia política das relações de parentesco e poder político no Paraná e no Brasil**. Curitiba: Insight, 2012.

OLIVEIRA. Ricardo Costa (org.). **Família Importa e Explica: Instituições políticas e parentesco no Brasil**. São Paulo: LiberArs, 2018.

Recebido em: 12 out. 2020.

Aceito em: 28 nov. 2020.

:

RESENHA

VALENCIANO. Tiago. WHATSAPP A caixa preta das eleições 2018. Maringá: Ed. Trema, 2019, 95 p.

Priscilla Cidral da Costa¹²

Bourdieu aponta que há um papel fundamental exercido pelo cientista na construção reflexiva da sociedade. A ele, fica destinado a desnaturalização em compreender os fenômenos sociais como um construto humano, resultado de outras transformações sociais que são, em sua essência, passíveis de questionamentos críticos. O pesquisador das Ciências Sociais, portanto, busca compreender suas instituições sociais, seu estilo de vida, sua sociedade e a si próprio com clareza e critérios científicos.

Neste contexto, Bourdieu constata que: “Se os que têm a ver com a ordem estabelecida, seja lá o que for, não gostam nenhum pouco da sociologia, é porque ela introduz uma liberdade em relação à adesão primária que faz com que a própria conformidade assuma um ar de heresia ou de ironia.” (Bourdieu, 1994, p.60). Desde modo, o cientista social possui um compromisso com os cidadãos, e suas reflexões acerca de seus objetos de pesquisas devem estar a serviço das sociedades. Portanto, o trabalho do sociólogo é profundo, reflexivo, minucioso e exige do pesquisador garra e árduo trabalho intelectual.

Sob os holofotes das reflexões sociológicas, o Professor Doutor em Sociologia Tiago Valenciano, que analisa as eleições no Brasil desde 2004, pública através da editora Trema, com 95 páginas. Uma obra que discute com profundidade e singularidade o controle digital da comunicação nas sociedades capitalistas contemporâneas, onde sua vigilância e utilização traz consequências profundas nas relações sociais e políticas dos indivíduos.

Sob o título **WhatsApp: A caixa preta das eleições de 2018**, a obra provoca pesquisadores de todas as áreas do conhecimento e das ciências sociais, além de leitores ávidos por aprofundar-se na análise e compreensão do atual momento político. O autor reflete de maneira realista sobre quais os rumos que as sociedades pós-modernas estarão traçando acerca do futuro democrático.

Assim, Tiago Valenciano apresenta, através do desenvolvimento de uma pesquisa sociológica com originalidade e perspicácia, cinco capítulos que entrelaçam teorias e que permitem compreender o panorama da discussão central, sem perder os detalhes que envolvem esta trama no tecido social.

Na introdução do livro, encontramos análises iniciais de como as eleições de 2018 no Brasil, através de um discurso de ódio que foram costurando a ruptura política. Como dizem as canções mais reconhecidas, um “paraíso tropical” que, após as eleições de 2018, transcende definitivamente suas estruturas institucionais, marcadas por incertezas com a

¹² Professora de Sociologia na SEED PR.priscilla.costa@escola.pr.gov.br

utilização de um violento marketing eleitoral. Eleições estas que rompem definitivamente com o padrão das campanhas políticas dos anos anteriores, aliando celulares, computadores e internet num jogo sem regras, desleal e vil, que utilizou como instrumento de guerra mentiras disseminadas e replicadas nas redes sociais como se fossem “verdades absolutas”, arrasando vidas, partidos, sociedades, instituições, as chamadas “fake news”.

Portanto, se vivemos em um momento singular e crucial, favorável para gerar um verdadeiro debate na compreensão sobre as questões democráticas no Brasil e no mundo é salutar, observar como as elites detém e se mantém no poder utilizando como estratégia eleitoral as comunicações digitais e seus recursos. Como aponta o autor: “O maior aplicativo dos smartphones em operação no Brasil mal poderia imaginar as consequências de seu uso no pleito geral, um misto de fake news e campanha, de debate e ódio, de incerteza aliada à mudança, de ruptura e continuidade).”

Estas campanhas arquitetaram como nunca as mudanças por completo do jogo político, de tal maneira que os próprios participantes não conseguiram perceber e reagir no momento da ruptura dos paradigmas sociais e políticos vigentes.

Para nosso deleite, a obra aborda temas atuais e relevantes para o campo da pesquisa em Ciências Sociais. Com uma linguagem acessível, sem perder o rigor do conhecimento científico, transmite uma análise aguçada e abrangente que revela aspectos importantes da conjuntura política envolvendo, através de um jogo de palavras e ideias, as perspectivas sociológicas e os agentes sociais.

Já nas primeiras linhas do capítulo, intitulado “Para entender o sujeito: a ruptura entre modernidade e pós-modernidade”, o leitor é conduzido a uma reflexão sobre as relações e fugacidades sociais que compõem este novo modelo societal, denominado “sociedade de consumo”, que modificou suas estruturas políticas e sociais, produtivas e econômicas.

Traçando um perfil das identidades assumidas pelos indivíduos sociais ao longo da história, o autor constrói suas referências através dos pensamentos elaborados pelo sociólogo alemão, George Simmel, e o norte americano, C. Wright Mills, para identificar a relação entre o meio social e suas relações sociais levantando o questionamento: Se “a cidade mudava a vida das próprias pessoas: seria, (...) o homem produto do meio social em que vive?” (Valenciano, 2019, p. 20).

Desta forma, o autor apresenta base epistemológica da Sociologia ao mesmo tempo em que traça uma cronologia histórica que permite compreender a profundidade do tema ao se perguntar sobre as consequências e efeitos da globalização¹³ e o papel do indivíduo através da história, bem como seu destino nesta aldeia global. Tiago Valenciano procura entrelaçar o corpo teórico dos autores como Stuart Hall, Zygmunt Bauman, Anthony Giddens, na reflexividade desta discussão.

Notadamente, encerra esta etapa de trabalho perguntando e refletindo, a respeito do centro de discussão do próximo capítulo: “neste espaço de sociedade pós-moderna/global existe espaço para a manutenção de ideologias tradicionais?” (Valenciano, 2019, p.29)

¹³ “A globalização diz respeito aos processos de aproximação das sociedades através da economia, da política, da cultura e da comunicação, marcados por sua terceira fase. (...), um fator preponderante para as transformações no estilo de vida das pessoas: o advento da internet.” (VALENCIO, 2019, p.22)

Em “Ideologia: a direita e a esquerda na era digital”, o autor apresenta concepções que mexem com o imaginário representativo de todo o cidadão. Neste segundo capítulo, deixa claro que as ideias e origens de toda a disputa política estão materializadas no campo das convicções dos indivíduos e de suas ideologias. Mas, o que é ideologia? Ao longo deste capítulo, discorre sobre sua origem e sua definição científica.

Observa, ainda, que a vida moderna está repleta e sedimentada por simbologias e discursos onde o reconhecimento daquilo que seja direita ou esquerda acontece no campo discursivo. Recorrendo ao contexto histórico e a utilização simbólica que a palavra ideologia disponibiliza em seu eixo conceitual, o professor Tiago analisa suas origens revolucionárias e iluministas, traçadas pelo autor Antoine Destutt de Tracy, que compreende a sua utilização como fator primordial para demonstrar que a realidade social poderia ser conhecida cientificamente, passando por sua utilização mais recente.

Para contrapor as ideias iluministas, apresenta as concepções de Karl Marx e Friedrich Engels sobre a reflexão que este conceito edifica na estrutura social e política das sociedades. Para ambos autores, a ideologia consiste em “(...) concepções filosóficas que colocam o espírito como superior e gerador das coisas do mundo.” (Valenciano, 2019, p.36). Também menciona as posturas epistemológicas dos fundadores das ciências sociais, como Émile Durkheim e Max Weber. A análise do campo político parte dos estudos de Pierre Bourdieu. Tiago Valenciano considera que este conjunto de ideias compartilhadas ao campo político faz surgir no Brasil, a partir de 2013, uma acentuada participação do cidadão no universo da política, introduzindo para o debate sobre a internet, o aplicativo conhecido como WhatsApp.

Com uma linguagem cativante, longe das explicações complexas que o conhecimento científico requer e sem perder a riqueza que a análise exige, o texto nos faz compreender a construção da formação política do Brasil pós-moderno e seus desdobramentos que culminariam nas eleições de 2018, num momento onde as democracias e a polarização política estiveram presentes nos meios digitais.

Com perícia demonstrada em todos os capítulos de seu livro, explora as transformações das normativas eleitorais, foco principal do terceiro capítulo que tem como título “O que mudou nas regras eleitorais nos últimos anos: a propaganda partidária”. As ponderações deste capítulo envolvem os estudos de Jairo Marconi Nicolau, que realiza uma cronologia histórica sobre a formação política e eleitoral no Brasil.

Após apresentar o histórico das eleições, Tiago Valenciano retrata o caminho que os futuros políticos percorrerão e as mudanças nas regras eleitorais, acompanhado de minuciosa pesquisa sobre a legislação eleitoral, delineando possíveis estratégias vindouras decorrentes destas articulações políticas.

Seguindo esta linha de argumentação, cita Renato Ortiz que delinea sobre a globalização. Para Ortiz, a “globalização pode ser caracterizada como um processo social que define uma nova situação. Ele vem marcado por um conjunto de condições e contradições.” (Valenciano, 2019, p.68 apud Ortiz, 2009). Através de Octávio Ianni, destaca que “A Terra mundializou-se de tal maneira que o globo deixou de ser uma figura astronômica para adquirir (...) sua significação histórica.” (Valenciano, 2019, p.68 apud Ianni, 2001).

Ao observar o uso massivo e constante da internet e das redes sociais, que a princípio eram utilizadas para fazer e conhecer amigos e pessoas, atualmente são a “menina dos olhos” das campanhas políticas. Nesta seção, apresenta as influências tecnológicas na sociedade contemporânea como tema central do quarto capítulo “A conectividade na internet no Brasil e o perfil do usuário: mudanças sociais diante da tecnologia”.

Segundo Zygmunt Bauman (1990)¹⁴, estas mudanças tecnológicas em nosso estilo de vida e de consumo desenvolvem, em particular, habilidades específicas e diversas. Tais questões são importantes e fundamentais, pois expressam a forma como o indivíduo alinha os vários setores da sua sociedade. A nossa dependência em relação a tecnologia aumentou consideravelmente ao longo dos anos, sendo revelada através do uso das redes sociais e suas postagens diárias.

No último capítulo, que dá o nome ao livro, **WHATSAPP: a caixa preta das eleições 2018, o ponto a ponto das relações sociais**, são apresentados cinco debates onde o autor, através das discussões sociológicas, desmembra os efeitos das “fake news” e sua ligação com a pós-verdade. O significado do termo “ponto a ponto” e sua conexão oculta nas relações entre políticos e eleitores amplia o entendimento sobre “os robôs do WhatsApp”, termo novo para a Sociologia crítica.

Longe de esgotar o assunto, tão complexo para a discussão da conjuntura democrática global, o livro e, sem dúvida, uma leitura original é imperdível para se pensar as eleições vindouras no Brasil. Incomparável na linguagem textual, nos argumentos teóricos e como o próprio autor recomenda “um livro preparado para um público muito diversificado. (...) que se encaixam perfeitamente na leitura de um material que surge no calor da hora, retratando a história do tempo presente” (VALENCIANO, p. 91, 2019). Não poderia deixar de mencionar a maestria como Tiago Valenciano trabalha com os conceitos e com o imaginário sociológico. Sobretudo, uma leitura indispensável para a compreensão das próximas eleições brasileiras que acontecerão no segundo trimestre de 2020, com candidatos sedentos para usar a comunicação digital, como arma para a conquista de votos. É um livro de cabeceira para os amantes da política, que desejam compreender o Brasil e a dinâmica do espaço público. Esta obra complementa uma discussão no que tange a pesquisa dos processos eleitorais e o uso maciço das redes sociais, como um fenômeno muito novo e cheio de perguntas a serem respondidas. Por isso, a leitura do livro **WhatsApp: A caixa preta das eleições de 2018**, se faz tão necessária e pontual. Façam as suas apostas, 2022 está chegando!

Recebido em: 12 out. 2020.

Aceito em: 28 nov. 2020.

¹⁴ BAUMAN, Z.; MAY, T. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 2010.